



DISCURSO NO CENTRO INFANTÁRIO SECTOR I (BASE BEIRA)

Parece que estou a ouvir como que só dez pessoas. Pensava que vocês iam gritar até às árvores.

VIVA A FRELIMO!
VIVA O POVO MOÇAMBICANO!
VIVA O POVO UNIDO DO ROVUMA AO MAPUTO!
VIVA O COMITÉ CENTRAL DA FRELIMO!
VIVA A LUTA PELA EMANCIPAÇÃO DA MULHER!
A LUTA CONTINUA!
A REVOLUÇÃO CONTINUA!

Quería pedir-vos para me darem um relatório do vosso trabalho, de como vai o vosso trabalho. Qual era o vosso trabalho durante a guerra. Transportar material, é isso?

(Resposta): É sim!

— Para fazer o quê? Transportavam o material individualmente, separadamente ou transportavam o material colectivamente?

(Resposta): Colectivamente!

O primeiro trabalho era o transporte de material para abastecer os guerrilheiros, para permitir que os guerrilheiros destruíssem o inimigo, transportar o material para permitir a libertação da terra e dos homens, transportar material para permitir a libertação da terra, para permitir o desenvolvimento da Produção, porque a Produção e o Combate são inseparáveis.

UNIR O COMBATE E A PRODUÇÃO

Portanto a vossa tarefa foi sempre transportar material de maneira organizada, transportar material sempre organizados pela FRELIMO. Assim vocês derrubaram o colonialismo português, porque souberam sempre trabalhar unidos. É essa Unidade que agora devemos preservar, é essa Unidade que agora devemos desenvolver e consolidar para podermos construir um Moçambique Novo.

Foi o fortalecimento, a consolidação e o desenvolvimento da nossa Unidade que enfraqueceram a força colonialista, que derrubou o imperialismo português em Moçambique. Foi por termos compreendido que só transportando material — significa, isso para nós, Unir o Combate com a Produção. Só assumindo essa importância, só compreendendo que a Produção e o Combate são inseparáveis — a Produção apoia o Combate, o Combate apoia a Produção — assim, fomos capazes de, pouco a pouco, derrubarmos as forças vivas do inimigo e libertarmos a terra.

Matávamos não por prazer, mas é que nós encontrávamos obstáculos diante de nós e nós necessitávamos de destruir esses obstáculos, representavam o colonialismo português, a montanha que pesava sobre o Povo moçambicano. Encontrávamos diante de nós imediatamente a força militar e necessitávamos de destruir essa força viva militar; a tropa portuguesa era um instrumento que defendia o colonialismo português, que defendia o sistema de exploração, que exercia a opressão. A ocupação de Moçambique foi à força. Através da força militar portuguesa os portugueses ocuparam Moçambique. Necessitámos, por isso, de libertar Moçambique através da força militar também, mas força militar Popular.

Portanto, o que venceu o colonialismo português foi a nossa Unidade Nacional, foi o facto de o Povo ter compreendido, ter assumido a necessidade imperiosa de unir a sua

força, a força do Povo com a força militar. O Povo transformou-se em exército, transformou-se em Povo fardado e assim derrotámos as forças vivas equipadas com o material mais moderno do imperialismo internacional.

Por vocês terem compreendido que não havia escola senão na Base, a escola para nós era uma Base, não uma «escola», mas uma Base para a formação do Homem Novo que aqui falou. É a grande vitória do Povo moçambicano, essa vitória de termos compreendido que só poderíamos triunfar de uma maneira vitoriosa criando o Homem Novo. É o Homem Novo que criará a Sociedade Nova em Moçambique.

O colonialismo português viveu muitos anos em Moçambique porque eramos ignorantes, «matéria bruta», como nos considerava o colonialismo. Parece que vocês têm uma música ...

Agora já nos disseram que o vosso trabalho era transportar material de guerra. Qual era outra tarefa vossa? Produção. O primeiro trabalho do povo era...

(Parte do povo responde: Transportar material!)

Vocês eram preguiçosos. Eu quero ouvir todos a responder o trabalho que faziam. Todos devem responder! Todos! O primeiro trabalho qual era?

(O Povo responde: Produção!)

Segundo trabalho?...

Contribuir com as nossas ideias para o desenvolvimento da guerra. Agora há tanto tempo não transportaram material? Há quantos meses não transportam material? Há quanto tempo?

(Há oito meses!)

Há quantos meses vocês não são bombardeados?

(Depois de longo diálogo em que se contam os meses o povo responde: «Há noven!»)

Há quanto tempo vocês não fazem emboscadas?

(O tradutor diz, depois, transmitindo uma resposta do povo: «Há oito meses que nós não transportamos material porque a força do povo venceu.»)

A força do povo venceu. Venceu a força anti-popular. Venceu a força de agressão. Dominou a ocupação estrangeira, a dominação estrangeira. Então, foi a força do povo que venceu a montanha que pesava sobre o povo moçambicano.

Este mês já não conhecemos as bombas. Nove meses que produzimos na paz. Oito meses que assinámos os acordos com o Governo Português. E a sete de Setembro nós assinámos o acordo de cessar-fogo em Lusaka.

Primeiro, o Governo Português reconheceu o direito à independência ao Povo Moçambicano: condição primeira.

Ao reconhecer o direito à independência ao Povo Moçambicano significava que ele reconhecia que ocupava Moçambique ilegalmente. Reconhecia que era estrangeiro em Moçambique, reconhecia que era colonialista em Moçambique.

Em segundo lugar, reconheceu que a FRELIMO é o representante legítimo do Povo Moçambicano. Ao reconhecer que a FRELIMO é o representante do Povo Moçambicano do Rovuma ao Maputo, significava que reconhecia que a nossa guerra era uma guerra justa e que a nossa guerra era uma guerra justa contra guerra injusta.

Terceiro, aceitou transferir os poderes que detinha em Moçambique para o Povo Moçambicano através do seu representante, a FRELIMO. Portanto significava, significa, que o Governo que existe hoje, que tomou posse em 20 de Setembro de 1974, é o vosso Governo.

Ouviram?

(«Ouvimos»).

NUNCA QUISEMOS A GUERRA

Assim assinámos o acordo de cessar-fogo, o acordo de estabelecer a paz em Moçambique. Nunca quisemos a guerra. Foi-nos imposta. Nunca quisemos a guerra nós. Nunca! E nunca fizemos a guerra contra os portugueses, mas sim a defesa activa. Nós não fazíamos a guerra. Fazíamos a defesa activa. Nós impusemos a uma guerra reaccionária uma guerra revolucionária. Por isso a nossa guerra é justa.

E viemos para anunciar que vocês triunfaram. Vocês terão a vossa bandeira no dia 25 de Junho que representará o símbolo da Nação, o símbolo da Nação Moçambicana. Essa bandeira representa o sacrifício. Representa a resistência secular, feita pelo Povo Moçambicano. Bandeira feita de sangue. Mas ao mesmo tempo bandeira que mostra o futuro brilhante do nosso Povo, do nosso País, como mostram os nossos artistas ali.

Moçambique será um país brilhante. Primeiro, porque é um país revolucionário. Será um país em que não haverá lugar para exploradores. Não haverá lugar para grandes e pequenos. Haverá lugar para todos e iguais. Todos iguais. E foi isso que nos conduziu à vitória. Foi a unidade entre nós. A unidade do Povo Moçambicano que se transformou em força imensa que derrubou a força de agressão. Agora como é que vamos construir Moçambique!

O POVO PORTUGUÊS E O POVO MOÇAMBICANO

(Nesta altura do diálogo passa um helicóptero e regista-se uma agitação nos presentes. O Presidente Samora diz):

Estou de acordo com vocês. Os helicópteros ainda não são nossos. Têm a bandeira portuguesa lá. Mas a bandeira que está lá não é colonialista. É do Povo português. A bandeira nunca é colonialista. A bandeira é do povo. Um punhado de gente é que suja a bandeira. (...) Esse punhado é que viola o que está lá na bandeira. Por isso eu compreendo a vossa preocupação quando aparecem estes helicópteros. Estão traumatizados. Eu também.

Só depois do dia 25 de Junho diremos: *Aqueles helicópteros são nossos.*

Mas a partir de agora devemos começar a criar novo tipo de relações com Portugal: O Povo de Moçambique visitar o Povo de Portugal, o Povo de Portugal visitar o Povo de Moçambique em pé de igualdade. Não há grande, não há pequeno. Em pé de igualdade entre os dois Povos. É isso que nós estamos a criar no Governo de Transição: novo tipo de relações. Não entre colonizado e colonizador. Não!

O Povo português nunca foi nosso inimigo. O Povo, o Povo... mas o governo português, o governo colonialista. Por isso eu digo: material para podermos destruir as forças vivas que eram as tropas portuguesas que defendiam a montanha, a grande montanha que pesava sobre nós: o colonialismo português! Contra os administradores que oprimiam o nosso povo. A esses não perdoamos: polícia que nos matava. A PIDE.

Tínhamos diante de nós a tropa portuguesa em primeiro lugar. Tínhamos que destruir a força viva que defendia o colonialismo português. A tropa portuguesa, tropa fascista. Em segundo lugar os administradores; em terceiro lugar, a polícia. Qualquer tipo de polícia. Polícia de repressão, de opressão. A PIDE, a criminoso, a famosa PIDE. Mas não era o Povo que era a PIDE. Não era o Povo que era administrador. A tropa, filha do Povo, era obrigada. Os soldados vinham aqui presos. Mas alguns transformaram-se em criminosos de guerra. Por isso dizemos: as nossas relações com o Povo português.

VITÓRIA E REORGANIZAÇÃO

Portanto oficialmente dizemos: a guerra acabou. Moçambique, o Povo de Moçambique venceu o colonialismo português. A FRELIMO venceu, ganhou a guerra. Por isso o Povo, de Moçambique, a partir de 25 de Junho, Moçambique será um estado soberano, independente e democrático. Será formado o Governo Popular. Popular e Democrático.

—::—

Agora temos que reorganizar o nosso exército. Temos que reorganizar o povo também. Reorganizar a vida do povo. Vamos viver dispersos? Palhota separada? Vencemos a guerra separados, divididos? Viram aquela arte que está ali? São luzes aquelas. Estas luzes vão passar de palhota em palhota separada? Esta escola que queremos construir vai para a palhota? Cada um com a sua escola? Este hospital

que queremos construir para entrar a electricidade... vamos perseguir palhota isolada? Eu não quero avançar um pouco as minhas ideias...?

Não vou dizer tudo. Mas eu penso que se fará uma nova guerra entre nós, já. Porque a electricidade não pode perseguir a palhota. A produção não pode ser feita também desta maneira. Não, não podemos. Senão nunca sairemos desta miséria. Não podemos construir fábricas (fábricas para fabricar a roupa, fabricar sapatos) com a palhota isolada. Temos que construir aldeias. O inimigo é que nos deu aldeamentos. Nós não queremos aldeamentos. Talvez sociedades comunais, ou aldeias comunais em que há oitocentas famílias, mil famílias, quinhentas famílias. O mínimo, quinhentas famílias. Assim podemos construir um hospital, uma escola. Já podemos construir. Já podemos abrir estradas para passar o carro em toda a parte. Para a nossa produção, para o nosso transporte. O que é que acham? Assim estaremos em condições de realizar uma defesa, e exército também; Hospital, escola, estrada, transporte colectivo e exército também; actividades desportivas, actividades culturais (em conjunto). Competição entre aldeias. Assim seremos capazes de produzir quantidade grande de arroz, quantidade grande de amendoim, quantidade grande de castanha, algodão, gergelim e outras coisas que vamos introduzir. Uma pessoa sozinha e isolada pode fazer esse trabalho todo?

MELHORAMENTO DO NÍVEL DE VIDA

Estamos de acordo então? Se aceitarmos então não há nova guerra. Realmente será a FRELIMO em todas as aldeias. O inimigo não entrará... os agentes do inimigo, porque estaremos organizados. Estaremos organizados na nossa vida quotidiana. Na nossa discussão, na nossa conversa, na produção, nos planos de desenvolvimento da Nação. E determinaremos como é que queremos viver.

Para isso vamos aprender o fabrico de blocos. Blocos queimados. Esta terra de Cabo Delgado é muito favorável para isso. Casas higiénicas. Tijolos. Não precisa de cimento. É só fabricar e queimar. E vamos construir as casas. É ou não é? Se nós não fizermos isso lutávamos para quê? Lutávamos para quê? Morremos para quê? Como é que respeitaremos aqueles que ofereceram as suas vidas? Se nós deixarmos o desenvolvimento do espírito individualista no nosso seio, estaremos a respeitar as vidas, os sacrifícios consentidos por aqueles que construíram esta grande vitória? Nós não lutávamos simplesmente para expulsarmos os colonialistas portugueses. Não, mais do que isso. Temos que eliminar os males que dizimam o nosso Povo. Mas vocês é que devem fazer esse trabalho. A FRELIMO só vai fornecer orientações, planos. O Povo é que deve construir. Vinte e cinco de Junho é o começo do trabalho em Moçambique. Trabalho na liberdade, na independência.

Por isso nós vínhamos aqui para vos dizer que nós agora já vamos para a cidade. A FRELIMO escolheu alguns de nós (não somos todos que vamos) alguns de nós.

Quando nós assinámos os acordos de Lusaka, a FRELIMO designou Alberto Chipande *«Vai para Lourenço Marques»*. Dissemos: *«Raimundo, vai para Pemba»*. (Ali não é Porto Amélia, é Pemba. É ou não é? Vai cair isso de Porto Amélia. Amélia, não conhecemos nós. Eu não conheço Amélia, ouviram? É Pemba, ali não é Porto Amélia. Ouviram? Amélia eu não conheço. Quem foi essa Amélia? Talvez foi mais colonialista. Foi por isso que deram: *«Porto Amélias»*. Quanto mais colonialista, o explorador dá nome, exactamente. É como Lourenço Marques. É um colonialista. É um colonialista lá. Deram grande cidade: Lourenço Marques. Quem é? Alguns vão para as cidades. Mocimboa da Praia, Macomia, Pemba, Mueda. (Temos que reconstruir aquilo. É nosso dinheiro que está lá. Ouviram? Construir melhor do que estava. A FRELIMO fará apelo: *«O povo deve dar por dia lá mil, dois mil, três mil homens. Homens, mulheres e crianças para repararmos Mueda»*.

Nangade, Namititi. Quando saíram, destruíram. Mas não destruíram as nossas mãos. É ou não é? E vamos reconstruir através do trabalho voluntário. Não temos dinheiro.

A FRELIMO vai determinar aos comités, vai fornecer os planos de como vamos reparar os postos que destruíram os inimigos. Os hospitais, as escolas, somos nós que vamos construir. Trabalho voluntário. Para nós.

A FRELIMO É O POVO, O GOVERNO É DA FRELIMO

Nós vamos para as cidades. O Partido designou-nos para as cidades. Aqui o camarada Marcelino dos Santos, Vice-Presidente da FRELIMO. Primeiro estamos a passar pelas zonas libertadas, para vermos como é que o trabalho é realizado.